

# DAY

ESTA **não**

É APENAS UMA

CARTA DE AMOR

# DAY LIMNS

COM A COLABORAÇÃO DE  
ALESSANDRA PONOMARENCO JUSTO

**ESTA (NÃO)  
É APENAS  
UMA CARTA  
DE AMOR**

# PREFÁCIO

Sou muito apegada na adrenalina de sonhar com o impossível...  
Com essa coisa de viver no mundo da lua, mesmo enquanto é dia  
Cê entende, né?

O que você vai ser quando você crescer?  
O que eu ia ser quando crescer? Me perguntei enquanto eu crescia...  
Sigo crescendo e tentando ser quem eu queria  
Como eu queria

No princípio, não era o verbo.

No princípio, na verdade, eram só a voz e a vontade — a voz e a vontade e o emudecimento e o entorpecimento que fragmentavam meu ser e o transformavam em pura frustração, na quase encarnação de tudo de incompleto que poderia haver. Assim, eu — um sopro, uma neblina, uma intuição — vagava como um vento: sem guia, sem garra e sem garganta para gritar. Eu, dispersa na aragem, andarilhava pelo vazio, por um vácuo de sentidos e significados, sempre em busca da primeira fâsca, à caça da identificação

e das sensações — dos sentimentos? — que poderiam, finalmente, desencadear a explosão que me espalharia pelo espaço e me daria peso, que permitiria que meus pés tocassem o solo e faria com que meu nome, ao ser inventado, ao ser trovejado por trás das trevas, me materializasse em algo espesso e real, sólido, mas não ainda, não tão rápido porque, naquela época, eu era uma eterna espera, um perpétuo procurar.

No princípio, quando deixei de ser vento, a voz e a vontade se avivaram e se converteram na voragem que me devorava e me virava do avesso, vertendo-me em eterna vertigem. Então, atropelada por tanta tontura, fui tomada pelo tresvario que catalisou a criação de minha carne e se acomodou em meu corpo como fome, sede, sono e euforia, comportando-se como a urgência que me consumia, mas não desabrochava no pasmo de me perceber sendo, pois eu ainda era pouco e nada, nada sabia das coisas de dentro. Minha matéria, exata e sólida demais, só conhecia a âncora de chumbo que me acorrentava ao chão e atrapalhava minhas asas, tão ansiosas pelo mariposar típico dos ingênuos, das primeiras vezes, da petulância prascóvia do peito que persegue o perigo por puro prazer, do coração casto que, tão extasiado quanto ícaro, cede à sedução abrasadora do sol só para sentir o calafrio da queda, mas disso eu não sabia ainda, não antes de acontecermos, não antes de nossos apocalipses.

No princípio, tudo era marcadamente concreto. Em mim, a vida transcorria em perene apneia, pois eu — tão acostumada a ser vento, a voar como neblina — não sabia respirar. Assim, ao procurar por meu primeiro fôlego, pelo sopro que animaria meu barro, eu mantinha meus lábios sempre entreabertos, esperando recuperar o ar. Em minhas vãs epifanias, eu intuía a aproximação

de uma quase melodia, que brotava de uma miragem ou de um mistério e reverberava em algum breu dentro de mim. Então eu, mera matéria, corpo em congelamento criogênico, sempre um segundo antes de resfolegar, corria pela casa, caminhando por cada cômodo, caçando uma canção que escorria entre meus dedos e escapava de minhas mãos por permanecer um pouco além do que eu conseguia alcançar. Distraída, perdida no padrão da pintura da parede, percebi que o som vinha quando eu piscava, exatamente nos momentos em que o mundo se escurecia e minhas pálpebras interrompiam a intromissão do externo. Assim, quando eu podia me alhear ao aparente, meus ouvidos captavam a doçura das notas que eu havia nascido para cantar, mas, naquela época, na era do palpável, meu corpo ainda se recusava a destravar minha voz, minha vontade. Com a garganta embargada, eu, ainda sem ar, permanecia muda e entorpecida, pois o que eu podia se resumia ao que meus pais me forçavam a engolir e ao que o livro preto e pesado permitia. Assim, em meus dias de desespero e de profunda falta de fôlego, eu me debatia e me despedaçava, presa no reduzido espaço em que me enclausuravam, prensada pelos parcos pressupostos que produziam a desmedida demanda que delimitava o pouco que eu podia e o tanto de que eu ainda precisava. Nas poucas oportunidades que eu tinha para tentar respirar, minha voz se revelava, adestrada para o patético pelos professores mais parvos, e se libertava de meus lábios como um silêncio triste, como o suspiro cansado que, hoje sei, deveria ter sido ocupado por um grito de gozo, por um gemido afogado por trás de línguas e dentes e adornado por lábios mordidos e dedos enrolados em travesseiros e lençóis. Naquela época, na era do visível, no tempo da eterna falta de ar, eu era jovem e ainda não sabia que meu vazio volumoso

e minha melodia muda haviam sido paridos para permanecer pre-  
nhes da eletricidade que emana, em ondas inebriantes, da eterni-  
dade que se embrenha nos olhares definitivos e da poesia rutilante  
que incendeia os orgasmos. Portanto, quando meus dedos desco-  
briram o vértice entre minhas virilhas e inflamaram minha fenda,  
uma fagulha fulminante fomentou a fulguração que me refez: eu,  
meu corpo, e, finalmente, o fôlego, o ar. Mas, naquela época, eu não  
sabia, e disse eu não posso me culpar.

No princípio, eu apenas pressagiava o mundo, pois o que havia  
para além do contorno que me delimitava e me desmisturava do de  
fora também me conjugava com o de dentro, com o conhecido e o  
constante, com o único universo que me era permitido percorrer.  
Por mais que a pele pedisse e o coração cobrasse, o corpo se opu-  
nha e o livro preto e pesado proibia: para me defender e me manter  
cativa, concreta e acorrentada, ele erguia muralhas e escavava trin-  
cheiras, pois eu, mulher, grande ingrata e pecadora original, devia  
permanecer apartada para não me perder. Impondo e impedindo,  
o corpo, principalmente o corpo, domado e doutrinado, produ-  
zia medo e mistério para silenciar minha voz e desvitalizar minha  
vontade, mas eu resistia, tinha que resistir, pois a voragem e a ver-  
tigem que se escondiam no oco da minha curiosidade me instiga-  
vam e não deixavam minha inquietação se acalmar. Assim, por me  
manterem em um estado de fome insaciável, minha mente, que se  
esbaldava em devaneios, e meus olhos, que engoliam realidades,  
entupiam minhas veias com a adrenalina que motivava minhas  
pernas e me fazia andar em círculos, repetindo um ciclo de expec-  
tativa, frustração e perda, porque tudo que eu queria ou precisava  
estava sempre do lado de fora. Eu, naquela época só matéria, ten-  
tava sobreviver sem minha voz e sem minha vontade, que haviam

sido encasteladas em um reino remoto e repugnante. Ah, revendo meus primeiros passos, revivendo o estremeamento que me destruturou, relembrando as rotas que tomei até desembocar em ti, reconheço os sintomas de minha enfermidade, os sinais de minha explosão, mas, naquele tempo, eu mal existia, então não sabia nem como me proteger.

Então veio a febre do desejo. De tanto me apoucar, reneguei o corpo e dormi, entregando-me a um sono escuro e sem sonhos, silencioso, sem fim. Presa em minha mente, inventando mundos para subsistir, eu assistia à vida por trás de minhas pálpebras, em uma projeção desfocada de um filme fraco e chato, com som e imagem fora de sincronia. Adormecida, fui arrastada por uma correnteza arrasadora, que banhou meus cabelos e embebeu minha boca com a água que me batizou e me contaminou com o elã do eterno desejar. Ainda assim, por ser inexperiente e por ser somente corpo, eu não sabia como me entregar ou entender, assim a enxurrada me engolia e me enchia por dentro, encharcando-me com o caldo do deslumbramento que só sentimos da primeira vez em que nos vemos como seres separados do mundo. Naquele momento, descobri quem eu era, e despertei, juntamente com minha vontade. Muito mais que ser, eu queria. Tudo. Para ontem.

Então instalou-se a alucinação. Entre o sono e a vigília, trancada na torre dourada do que determinavam ser melhor para mim, minha alma, ainda sonolenta e de olhos semicerrados, detectou um tênue tremor que, sutil, se entranhou nas profundezas de minha letargia e se propagou por meus ouvidos, por meus ossos, por meus músculos e por minha pele como uma praga, como uma pressa, como uma profecia de uma nota só que, com um único pulso, fez vibrar todas as cordas do cosmos.

Então, encantada, entoei uma resposta, e todas as minhas fibras rebrilharam ao recitar a invocação que verteu pelo éter, ecoou por minhas entranhas e eclodiu em minha essência como a revolução que exacerbou minha fome de mundo e me fez querer mais, precisar de mais, preparada para uma explosão que eu presentia e esperava com um apetite apocalíptico. Fora de controle e embalada pela pilha do que eu dessabia, sucumbi à paixão que senti pela potência da vontade que, à espera de resposta, pelava sob minha pele, mas ela não veio.

Então se instaurou a frustração, pois aquela nota nunca mais se repetira. Em minha disritmia, na asfixia produzida pela espera pelo retorno do som que se revelara praticamente por clarividência e depois se calara, tudo que eu ouvia era um eco estranho, uma repetição esmorecida que assonava como uma resposta silenciosa e morta e me prendia na espiral infinita de desejar um desfibrilador para me trazer de volta à vida. Assim, como minha voz e minha vontade haviam se desesperado, me entreguei ao compasso interrompido de uma melodia que talvez nunca tivesse existido. Em meu desespero, me deixei estar, observando relógios parados, discos riscados, conversas interrompidas e palavras não ditas. Concentrado — e infinitamente denso —, meu desencanto gravitou para meu centro e arrastou consigo a massa infinita de meu anseio, de minha sede. Eu ensaiava voltar a ter voz e vontade e me esforçava para me expressar como vertigem e voragem, mas precisava de algo que me estourasse e me vomitasse como uma sonância, mas a inércia que me habitava havia empurrado minha essência para meu cerne, cada vez mais tenso, denso e quente, até que houve, até que ouvi...

Teu chamado.

Big bang.



No recomeço, era o verbo, e o verbo era eu: carne, espírito e música. De dentro de mim, em um estrondo, o cosmos se fez, o tempo começou e o espaço se dimensionou, disparando a reação que transformou minha voz e minha vontade na força de expansão que inflou o universo e o multiplicou de tamanho exponencialmente, salpicando a poeira do que fui/sou — vertigem, voragem — por todo o multiverso. Teu convite irrecusável chegava como uma radiação colérica e se chocava contra meu corpo com milhões de vezes a velocidade do som e, ensurdecador, ele adentrava meu centro e se adensava, pronto para provocar uma catarse, me preparando para a combustão quase espontânea que seria estar em sua presença. Livre, minha alma se desprende e desapareceu à cata do canto, os sentidos atentos, as pupilas dilatadas, a boca aberta para engolir o que me excitava e me encaminhava pelos labirintos de sensações que se escancaravam como enormes metrôpoles erguidas com edifícios de espanto e êxtase. Ao meu redor, tudo resplandecia e me embriagava, mas nada tinha teu tom, o som que despontava entre minhas pernas como um pré-terremoto e se propagava, impelido por uma lembrança do futuro, talvez. Por não saber resistir à volúpia da busca, eu ia, correndo, voando, vendo, cheirando, engolindo, ouvindo e sentindo, seguindo a trajetória trágica de uma mariposa atraída pela chama, afogada na parafina, presa a uma quimera que minha não era, mas eu continuava, porque tua melodia vinha e fazia casa em meu corpo como um devir inevitável, que me fragmentava e me agregava em um ciclo contínuo, em um turbilhão de transformações que me dava a certeza de que, incapaz de resistir à tua gravidade, eu entraria em tua órbita e aterrissaria em teu corpo: pronta, estatelada, faminta. Em meu âmagô, eu reconhecia que estava programada para te encontrar,

porque uma força magnética ou profética me atraía e me arre-messava na tua direção, sem bússola ou mapa, e eu te descobri-ria mesmo que os pontos cardeais jamais fossem inventados. Por você, disse eu já sabia, eu criaria mundos e nomes, por você, eu destruiria deuses e dogmas, pois você era um convite, um desejo, uma promessa.

Uma chance.

Quando teu chamado chegou e me despertou, fez-se em mim — eu, arrebatada pela expansão das partículas, transformada em carne, espírito e música, movida pela voz e pela vontade — a pressa de estrondar teu nome — qual? —, por toda a matéria, antimatéria e matéria escura, no presente, no passado e no futuro e até mesmo nas realidades paralelas que eu nunca conheceria.

No recomeço, tudo era urgência.

E eu queria mais.

CLUBE DOS SONHOS  
FRUSTRADOS

